

Este Povo Clama Por Pão

Manifestação da congregação de professores da Escola Superior de Teologia (EST) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) quanto ao momento político brasileiro.

Junto com toda a comunidade acadêmica do País, estudantes, funcionários e professores da Escola Superior de Teologia da IECLB (São Leopoldo), paralisaram suas atividades letivas e administrativas nos dias 14 e 15 de março. Envolvemo-nos em atividades de apoio à greve geral e de reflexão interna quanto ao momento político brasileiro e à nossa responsabilidade como comunidade cristã.

Compartilhamos com nossas comunidades o resultado dessa reflexão e também o encaminamos à Federação Luterana Mundial, que realizará sua próxima Assembléia Geral em Curitiba, em janeiro-fevereiro de 1990.

1 — O Momento Político Brasileiro

A greve geral foi a mais ampla da história de nosso país, não obstante os esforços governamentais e empresariais para sua desmobilização e dos meios de comunicação para desqualificá-la. Entendemos que ela tenha sido um ponto de extremo significado no processo de organização do povo brasileiro. Paralelamente reconhecemos um quadro geral cada vez mais agudo do processo político e dos conflitos sociais. Recentemente observamos o desalojamento violento de agricultores sem-terra em ocupações fundiárias, como aconteceu no Rio Grande do Sul, Bahia, Mato Grosso do Sul e Paraná, bem como os primeiros indícios da disposição de agricultores sem-terra de resistirem à força às medidas judiciais e policiais. Cresce o número de líderes rurais assassinados; a morte violenta do líder dos seringueiros e defensor da ecologia, Chico Mendes, estareceu a opinião pública mundial. Listas de jurados de morte são preparadas, e pistoleiros têm podido agir impunemente.

Meios oficiais quiseram responsabilizar os próprios agricultores e trabalhadores, suas lideranças e até mesmo as igrejas pelo clima de violência que se generaliza. Quais as verdadeiras causas? Como fundamentais, assinalamos o arrocho salarial e a falta de acesso à terra para quem nela trabalha. O atual governo brasileiro prometeu inúmeras vezes, solenemente e de público, através de seus organismos e pela palavra do próprio Presidente da República, melhorias salariais e reforma agrária. O salário mínimo alcançaria ainda neste governo 100 dólares mensais; continua muito longe disso. Nos últimos tempos, os assalariados em geral sofreram uma perda real do seu poder aquisitivo, comprometendo ainda mais sua sobrevivência. Um milhão e quatrocentas mil famílias de agricultores sem-terra seriam assentadas; nem um décimo foi contemplado. Ao contrário, o processo de concentração de terras continua incontrolado. Simultaneamente, o governo impõe à população o cumprimento do pagamento do serviço da dívida externa e promove a contínua internacionalização da economia brasileira, acompanhada de um falso nacionalismo, que, por exemplo, pretende desconsiderar o clamor universal pela preservação da floresta amazônica e de seus habitantes. O País transforma-se em potência industrial; no entanto, o índice de mortalidade infantil volta a crescer.

A causa da crise em que vivemos reside, a nosso ver, no não cumprimento flagrante de compromissos assumidos perante o povo. O governo prometeu salário e terra. Na prática, tira salário, nega a terra e continua submisso a interesses econômicos internacionais. Por isso, o governo não goza mais de nenhuma credibilidade, a corrupção anda desenfreada, esvazia-se a legitimidade dos que se instalaram no poder. E é nesse clima que nos encaminhamos para a eleição presidencial de novembro próximo, a primeira em 29 anos. De certo, não falta quem brinque com a hipótese de frustrar, mais uma vez, também esse anseio do povo brasileiro de, através da eleição presidencial, determinar o futuro político do País. Realmente, uma perspectiva assustadora.

2 — Nossa Responsabilidade Como Comunidade Cristã

Somos pessoas cristãs que vivem em comunidades cristãs centradas nas promessas de Deus, promessas que, sabemos, se cumprem. Jesus também nos ensinou a orar: "...venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como nos céus..." Reconhecemos, portanto, que Deus incumbiu a humanidade do cuidado de sua criação, do estabeleci-

mento de uma ordem social, política e econômica justa, e da proteção aos fracos, injustiçados e oprimidos. A comunidade cristã participa dessa responsabilidade em meio a uma realidade cheia de promessas não-cumpridas. Consterna-nos que as vítimas da incompetência e do desmando ainda sejam acusadas de serem responsáveis pelo clima de insegurança e violência. Esse argumento não passa de um artifício enganoso. Repetimos que a causa reside na injustiça estabelecida, nas promessas não cumpridas e na insensibilidade instalada com o sofrimento do povo.

Creemos que, como comunidades cristãs, ainda temos fortes razões para confessar nossa omissão e mesmo convivência com a injustiça, embora também se possam registrar sinais significativos de atuação solidária com os que sofrem. Esses sinais devem ser fortalecidos. Ainda temos muito a crescer na consciência e na disposição ao serviço solidário e no compromisso com a vida.

A Federação Luterana Mundial reunir-se-á em assembléia em Curitiba, em torno do tema "Ouvi o clamor de meu povo". Essa palavra de Deus (Ex 3.7) conclama as comunidades cristãs a, igualmente, dar ouvidos ao clamor angustiado dos que sofrem e, ainda mais, dar eco a esse clamor. A IECLB tem como tema neste ano "O pão nosso de cada dia". Sob pão entendemos, como Lutero, nos catecismos, tudo quanto é necessário para uma subsistência digna e o atendimento das necessidades básicas do ser humano.

Concretamente, isso significa para nós: hoje, o "clamor" do povo brasileiro é por salário, terra e participação política; hoje, o "pão nosso de cada dia" se chama salário, terra e eleições. Diante dessa realidade fundamental do valor da vida, outros valores entronizados, como a liberdade do capital, a propriedade concentrada e a lei do mais forte são reconhecidos como ídolos para a morte.

Assim conclamamos a nós, à Escola Superior de Teologia em que trabalhamos, a nossa igreja e a nossas comunidades, que nos incumbiram da tarefa de formação teológica, a que, sob a orientação do Espírito Santo, com mais liberdade e mais coragem, acompanhadas do necessário discernimento e visão, assumamos a tarefa de que Deus nos incumbiu nesta hora. Por nossa oração, por nossa denúncia de injustiças, por nossos grupos de reflexão, por participação em movimentos sociais, por celebração da caminhada do povo, cumpramos a exortação do profeta:

"Que o direito corra como a água
e a justiça como um rio caudaloso." (Amós 5.24)